

## 7 Considerações finais

É interessante notar que nos discursos analisados, ao falar sobre a compreensão do conteúdo transmitido pela televisão, os entrevistados utilizaram mais vezes verbos ligados ao campo sonoro, tais como ouvir, escutar, do que ao campo visual como ver, assistir entre outros. Vale a pena recapitular:

- “Assistir é sentar, **escutar** o que está falando e entender.” (Flávia, 77 anos, dona de casa, assiste à TV quatro horas por dia)

- “Hoje eu tô na internet, tô **ouvindo** a televisão.” (João, 45 anos, engenheiro, assiste à TV três horas por dia)

- “Mas geralmente eu **ouço** mais do que assisto.” (Letícia, 75 anos, dona de casa, assiste à TV cinco horas por dia)

- “O comum, mais assim do dia-a-dia, eu **ouço** mais do que vejo.” (Regina, 73 anos, dona de casa, assiste à TV oito horas por dia)

- “[...] eu acho que eu presto muito mais atenção no jornal naquilo que estou **ouvindo**, do que neles, ou se estão vestidos assim ou assado isso não me desperta muito não.” (Joana, 41 anos, empresária, assiste à TV três horas por dia)

Isso me faz acreditar, que é pelo canal auditivo que os entrevistados absorvem as informações transmitidas nos telejornais. O visual atua como complementar.

Embora a imagem seja amplamente valorizada no telejornalismo, é o texto que vai dar o verdadeiro significado da informação. Salvo raras exceções, não basta ver, é preciso que alguém nos diga o que estamos vendo. (Pena, 2008, p.83)

Acredito que por este motivo, os participantes não chegam a perder o conteúdo, uma vez que, o que achava que poderia ser um “ruído” está presente no campo visual e não no auditivo. Essa afirmação pode estar atrelada ao fato de que a maior parte dos participantes executa outras atividades em paralelo com o ato de assistir TV.

[...] o telejornal pode ser ouvido sem ser olhado, como se tratasse de informações do rádio [...] se fizermos uma comparação entre os canais, as mesmas imagens tomam um sentido diferente conforme o comentário que as acompanha. (Charaudeau, 2006, p.110)

E pelo fato de o telespectador não poder assistir a reportagem uma segunda vez, os manuais de redação pregam a simplicidade e a objetividade nos textos como regra número um. Porém, estas características não podem ser confundidas com pobreza de vocabulário.

É notório que mesmo assim, as emissoras se preocupam com a estética visual. E pude perceber que isso é importante para os telespectadores, por mais que não estejam olhando para a tela 100% do tempo. Ao passar os canais, o que vai fazer com que uma pessoa fique ou não naquela emissora, ou que ao menos pare para saber o assunto que está sendo abordado, é a imagem.

Através do discurso de Hans Donner, conclui que desde a década de 80 já existia a preocupação com a presença de elementos em movimento nos telejornais da Rede Globo. Ao assumir a elaboração da cenografia dos telejornais, a equipe dirigida por Arrabal, não seguiu a mesma concepção estética implantada pelo designer austríaco. Como já acontecia em telejornais internacionais, a emissora levou a bancada para dentro da redação. O resultado do novo cenário agradou os telespectadores e os conceitos transmitidos implicitamente nesta nova opção foram percebidos por eles.

Na maioria das vezes, o novo incomoda o ser humano. Em outras palavras, em um primeiro momento, a nossa espécie é avessa a mudanças. Segundo Sartori (2001, p.16), “todo o progresso tecnológico, na fase do seu aparecimento, foi temido e por vezes combatido. Apoiado em diversos projetos, o ser humano cria e transforma o presente e o futuro em um processo evolutivo, sem que ocorra uma substituição de uma técnica por outra, mas sim como denomina Levy (1993, p.10) um “deslocamento de centros de gravidade”. É perceptível que sempre há movimentos inovadores na história da comunicação sem que haja uma perda e sim a união de conceitos e linguagens. Da comunicação oral para a escrita, que evoluiu para o surgimento da imprensa escrita (folhetins, periódicos, revistas). Desta para o rádio, e alguns anos depois para a televisão.

Não parece difícil concluir que a televisão utiliza signos pertencentes a diversas linguagens, realocando-os em sistemas que adquirem sentido nas relações entre si. No caso do telejornal, essas relações põem em xeque a suposta soberania do código icônico, já que, a despeito da [...] intercomplementação de sentidos, a linguagem verbal parece ser a única realmente imprescindível para a compreensão da mensagem. Dificilmente veremos imagens sem um enunciado verbal durante o telejornal. Entretanto, basta colocar uma foto de um repórter e um mapa da Europa na tela, por exemplo, para que ele fale de um acontecimento no sul da França, mesmo que não haja imagens disponíveis

sobre o local. E, se houver, ainda assim o texto do repórter será imprescindível para a compreensão dos fatos. (Pena, 2008, p.84-85),

Não tenho como objetivo chegar à conclusão sobre a superioridade de uma das matrizes sobre as demais. Michel Chion alerta para o fato que a audição e a visão suscitam percepções específicas. (Rezende, 2000, p.41)

Por essa concepção, substitui-se a idéia de hierarquia pela de intercomplementação dos sentidos: ‘se o som faz ver a imagem de modo diferente do que esta imagem mostra sem ele, a imagem, por sua parte faz ouvir o som de modo distinto ao que este ressoaria na obscuridade’.” (Rezende, 2000, p.41)

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa as perguntas feitas aos dez entrevistados foram abertas e por consequência, assim, também foram as respostas. Apesar de todos os participantes afirmarem que assistiam ao *Jornal Hoje*, no momento da exemplificação, optaram por citar outros produtos. Não considero isto um problema, uma vez que o importante é o assunto estudado e a construção do conhecimento recebido de forma não-linear sobre o objeto de estudo. Era necessário escolher um telejornal para aplicar a teoria estudada. O *Jornal Hoje* foi selecionado por alguns motivos. 1) É um noticiário que apresenta uma linguagem distinta dos demais; 2) Não existe um número considerável de estudos sobre ele, se comparado com o *Jornal Nacional*; 3) Em todos os enquadramentos tem-se pessoas em movimento ao fundo, o que não acontece no *JN*.

Para chegar ao objetivo proposto tive que eleger métodos, que foram expostos no capítulo quatro. Porém, enfrentei algumas limitações que devem ser explicitadas. A principal dela consiste no fato de que as análises do material recolhido foi feito por um único pesquisador, que carrega consigo um repertório próprio. Segundo Chiachiri Filho (2004, p.12)

evidentemente, toda interpretação necessita de uma mente interpretadora. Sabemos que, ao realizar uma análise signica, acabamos por ocupar, queiramos ou não, a posição lógica do interpretante dinâmico, isto é, a posição de uma mente singular, existente, psicológica, com o repertório cultural e intelectual de que ela dispõe.

É viável questionar se as interpretações de um único pesquisador não seriam extremamente singulares, incompletas e, por consequência, falíveis. Santaella (2005c, p. 39-40) responde:

como contraponto para as análises individuais, e na tentativa de evitar a singularidade que lhes é própria, a ciência faz uso das pesquisas de campo, pois estas têm por função avaliar que efeitos um dado processo de signos está produzindo em um determinado universo de pessoas. Não obstante a importância desse tipo de pesquisa, não se pode esquecer de que seus resultados se baseiam em quantificações de atos interpretativos meramente intuitivos. Assim sendo, o que ganha em coletivização da interpretação perde-se em acuidade analítica. A importância dessa acuidade para se conhecer o potencial comunicativo de um determinado processo de signos advém do fato de que, quando analisamos signos, estamos diante de um processo interpretativo que tem por objeto um outro processo que também tem natureza comunicativa e interpretativa.

Não privilegiar um grande número de entrevistados foi uma outra limitação enfrentada, porém, optei por uma boa análise do material coletado. Isso ocorreu, devido a algumas restrições e aos recursos disponíveis para o desenvolvimento da pesquisa.

Segundo Chiachiri Filho,

é a própria semiótica pierciana que nos revela que a mensagem apresenta uma objetividade sógnica da qual não podemos escapar, se realizarmos uma leitura que fica atenta a essa objetividade. Toda mensagem, de qualquer tipo que seja, apresenta um interpretante imediato, a saber, um potencial para ser interpretada, sua interpretabilidade. A leitura cuidadosa dos meandros da construção sógnica visa justamente ficar rente a esse potencial. Embora saibamos que uma interpretação de um interprete particular não seja jamais capaz de atingir a interpretabilidade das mensagens em sua completude, o diálogo com a mensagem no seu modo de se fazer, na objetividade semiótica que apresenta, pode nos deixar com alguma certeza de que algo de sua verdade pode ser revelado. (Chiachiri Filho, 2004, p.12)

O tema proposto não se esgota nesta dissertação. O equipamento utilizado pelo Poynter Institute pode verificar onde está o foco de atenção visual do telespectadores e aí será possível atestar a influência do visual no verbal oral. Com a chegada da TV digital novas linguagens e novas estéticas vão surgir. Estes argumentos serão temas de um novo estudo complementar ao que foi mostrado nesta edição.

“ OUTRAS NOTÍCIAS VOCÊ VAI ENCONTRAR  
NA BIBLIOGRAFIA A SEGUIR./// UMA BOA TARDE  
PARA VOCÊ, E ATÉ A PRÓXIMA EDIÇÃO./// ”